

# Turismo do DF está perto da falência

JOSÉ NATAL

Um Departamento de Turismo sem verbas, obras e monumentos de concreto como únicas opções turísticas, 29 hotéis vazios durante grande parte do ano e uma infra-estrutura carente em vários setores. Io mam, hoje, um quadro desolador daquela que, para muitos, poderia ser a maior indústria sem chaminés da Capital Federal, que completa 22 anos: o turismo.

A este quadro de imagem caótica somam-se, ainda, uma deficiente mão-de-obra operacional, desinteresse governamental em ativar o único Centro de Convenções da cidade, a existência de um Aeroporto Internacional, curiosamente sem nenhum vôo internacional regular, e uma total falta de planificação que objetive maior segurança aos envolvidos na promoção de turismo local.

Este perfil da "Brasília Turística de Hoje" é tragado, sem rodeios e com impar objetividade, por alguns dos mais importantes representantes do turismo no Distrito Federal. Entre eles, Custódio Toscano Filho, proprietário da agência "Toscano Turismo", a maior da cidade; o presidente do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares, Raif Gibran, também proprietário do Torre Palace Hotel, e o gerente do Carlton Hotel (o único 5 estrelas além do tradicional Hotel Nacional), Antoine Elías Ghattas, que tem 25 anos de hotelaria e já gerenciou os hotéis Glória, Luxor e Savey, todos no Rio de Janeiro. Com certa descrença no futuro turístico da cidade, mas ainda esperançosos quanto à atuação das futuras administrações, agentes de viagens e hoteleiros são unânimes em afirmar que, sem um apoio integral do Governo e uma conscientização profissional de que representa o turismo para uma cidade, Brasília ainda terá pela frente alguns anos de agonia nessa atividade.

De maneira geral, os agentes de viagens, responsáveis pela programação e escolha de melhores planos para o turista, reclamam de falta de divulgação do Governo sobre as atrações que a cidade pode oferecer, não permitindo ao visitante do Brasil e do exterior opções e motivação para visitar a Capital. Dos hoteleiros, além das queixas, partem também algumas sugestões. E uma delas, aparentemente utópica, seria a criação de cassinos em alguns hotéis de Brasília, abrindo assim a única fonte geradora do turismo, capaz de permitir uma forma de concorrência com centros mais avançados como Rio, Salvador, Recife e Foz do Iguaçu. Esta sugestão é do gerente do Carlton Hotel que, inclusive, já dispõe de instalações próprias para a montagem de um cassino, caso o Governo permita esta abertura algum dia. Segundo Antoine, esta seria, talvez, a única solução, "pois o preço das passagens é absurdo, mas quem joga não se importa com isto. Além do mais, esta seria uma maneira de prolongar a estada do turista na Capital", diz. E para se justificar, exemplifica citando que Nova Iorque não possui cassinos, mas sim Las Vegas, que é um deserto sem qualquer atração.

Já o presidente do sindicato da classe, Raif Gibran, (também dono do Hotel Torre) não considera viável a idéia da criação de cassinos em Brasília. Em sua opinião, a solução para o turismo local está na criação de uma indústria que movimente o turismo infantil, e explica:

— Temos aqui um parque fabuloso, que é o Parque da Cidade, localizado em pleno Plano Piloto, hoje mal explorado e mal aproveitado. Nele, o Governo poderia criar uma "mini-Disneyworld", atraindo crianças dos mais diversos lugares e, com elas, também adultos, a exemplo do que existe na Flórida e na Califórnia" — disse. E ao analisar o problema que os hote-

leiros enfrentam em Brasília, pela falta de turistas e hóspedes, cita um exemplo vivido por ele próprio: "Já tive que fechar seis andares do Hotel Torre, e ainda demitir 40 funcionários pela total ociosidade causada pela fraca movimentação da casa nos últimos tempos. O Torre possui 164 apartamentos e quase sempre, apenas 20 ficam ocupados. E isto acontece até no mês de janeiro, época de férias, quando turistas atravessam o Brasil inteiro a procura de novas opções de lazer", finalizou.

Os problemas de Antoine, do Carlton Hotel, não são muitos diferentes. Afinal, dos 179 apartamentos que o hotel possui apenas 70 estavam ocupados em janeiro e não há perspectivas de que este quadro possa ser alterado radicalmente nos próximos meses. Antoine defende a idéia de que Brasília precisa promover congressos e implantar uma mentalidade turística capaz de atrair visitantes. "Temos um Centro de Convenções praticamente inativo, abandonado. Para este ano, ainda não sei de um só congresso programado para o local, enquanto em várias capitais brasileiras este tipo de atividade continua gerando fontes de divisas para o turismo interno", declarou.

A exemplo dos demais empresários do turismo, o gerente do Carlton Hotel inocenta o Departamento de Turismo do eterno problema da falta de verbas, mas faz ao Governo algumas restrições por essa falta de apoio a um Departamento tão importante no contexto de uma capital. Para ele, o Detur deve ser transformado em uma empresa e, a partir daí, ter verbas próprias para "vender" a imagem da cidade e cuidar melhor do turismo.

## "PONTA-A-PONTA"

Desde o dia quatro de janeiro Brasília perdeu aquele que, até então, era seu único vôo internacional. A Varig cancelou o vôo

Miami — Brasília que, há anos, era feito pela empresa nesta rota, alegando falta de rentabilidade.

A decisão da empresa não agradou aos agentes de viagens e, principalmente aos hoteleiros. Segundo eles, mesmo não sendo um vôo que trouxesse à cidade um grande número de passageiros, ainda assim contribuía para o "status" turístico da Capital, além de manter a esperança de que, no futuro, outras empresas colocassem também Brasília em suas rotas.

O agente de viagem Custódio Toscano que hoje vende Europa, América e Oriente, afirma que para revogar esta decisão seria necessário que houvesse um maior interesse do Departamento de Aviação Civil — DAC, do Governo local e, é claro, da Varig. Para tornar Brasília internacionalmente turística, Toscano tem outras sugestões. Segundo ele, onde existe vôo internacional existe turista e poderia ser criado um novo sistema tarifário para entrar em vigor quando terminar a baixa-estação, isto é, a partir desse mês de abril. Tal sistema daria ao turista uma passagem mais barata em termos reais, e abriria novos portões de entrada no Brasil.

"A tarifa Miami/Rio/Miami custa em torno de US\$ 1.250. Com a criação do sistema "Ponta-a-Ponta", que poderia ser aberto em Brasília por exemplo, teríamos uma tarifa Miami/Brasília/Miami a US\$ 850. Esta, além de obrigar o turista internacional a começar seu "giro" pela Capital, permitiria que ele conhecesse outras capitais, durante aproximadamente 20 dias, beneficiando-se de uma tarifa interna taxada pela Embratur em US\$ 330. E as maiores beneficiadas com este sistema seriam as empresas aéreas brasileiras", explica Toscano.

E se para o agente de viagem o problema é achar uma forma de trazer turistas à Capital, para os hoteleiros a dificuldade é achar

uma forma não só de atraí-los, mas também de mantê-los na cidade por um período maior do que as cinco horas já adotadas como norma de atuação de algumas agências.

## "MILHAGEM ZERO"

Na tentativa de tornar a cidade mais atraente e enamorada dos turistas, agentes de viagens e hoteleiros buscam soluções onde quer que elas apareçam. No ano passado, por exemplo, todos aderiram ao "Projeto Brasília", um plano que, ainda em vigor, oferece a cariocas e paulistas, que desejam passar o final de semana na Capital, descontos da ordem de 30% nos hotéis e nas passagens aéreas.

Para que o turista possa participar do "Projeto Brasília", entretanto, a Embratur exige que se forme um grupo de no mínimo 20 pessoas, saindo daí o privilégio dos descontos. O projeto não vingou; foi mais uma tentativa frustrada do Governo para a desilusão dos agentes e hoteleiros. Segundo Toscano, porém, ainda haveria chances de reativá-lo, abolindo-se a exigência de um número mínimo de pessoas. Esta foi, segundo o agente de viagem, a razão pela qual o projeto falhou.

Outra queixa dos "homens do metier" está no fato das empresas aéreas não darem divulgação alguma sobre o que se denomina "milhagem zero". Brasília, cidade classificada como marco zero da aviação brasileira, pode ser visitada por qualquer turista estrangeiro que chega a qualquer ponto do país, com direito a se utilizar dos serviços de qualquer empresa aérea, sem pagar um só tostão. Assim, o passageiro que hoje desembarca no Rio, proveniente do exterior, tem, por lei, o direito de vir até Brasília gratuitamente. As empresas aéreas, que não têm interesse em fazer esta "concessão", é que evitam divulgar o assunto e, com isto, o turismo da Capital perde mais visitantes.